

**A ANÁLISE DAS LITERATURAS FRANCÓFONAS E DA  
MUNDIALIZAÇÃO NO LIVRO DE NADÈGE VELDWACHTER**

VELDWACHTER, Nadège. **Littérature Francophone et mondialisation**. Éditions Karthala. Collection dirigée par Henry Tourneux, Paris: 2012.

*Kall Lyws Barroso Sales*<sup>1</sup>

O livro *Littérature francophone et mondialisation*<sup>2</sup> foi escrito pela professora Nadège Veldwachter, intelectual negra, doutora em Estudos Francófonos, *maître de conférences* em literaturas francófonas na Universidade de Purdue, Indiana, Estados Unidos. Nascida em Guadalupe, a pesquisadora fez seus estudos universitários na França, depois na Universidade do México para em 2005 defender sua tese intitulada: Políticas literárias: jogos de espelho, paratexto e traduções do discurso antilhano na França e nos Estados Unidos<sup>3</sup>, discussão que também encontra seus desdobramentos na presente obra. Perceber seu percurso acadêmico ajuda-nos a observar que durante suas reflexões teremos a presença de leituras americanas que são relacionadas com autores da Teoria Francesa, particularmente Derrida e Foucault, e com teóricos antilhanos tais como Glissant e Confiant.

Como sua área de expertise são os estudos pós-coloniais, sociologia da cultura, tradutologia e cultura francesa contemporânea, ela apresenta uma leitura das literaturas de expressão francesa dentro de seus sistemas de recepção e de comercialização na francosfera. Dessa forma, ao começar seu estudo com a clássica pergunta “o que é a literatura?” a autora decide dialogar com o modelo de literatura proposto por Jean-Paul

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina e Mestre em Estudos da Tradução também pela mesma Universidade. Foi professor de Língua Francesa e Literatura Francesa na Universidade Estadual do Ceará e professor das disciplinas de Francês do Curso de Hotelaria do IFCE. Tem especialização em Estudos da Tradução pela Universidade Federal do Ceará. Graduado em Letras com habilitação em português, francês e respectivas literaturas.

<sup>2</sup> Literatura Francófona e mundialização. [a obra ainda não possui um tradução para o português, portanto todas as traduções sem referência serão do autor desta resenha].

<sup>3</sup> Politiques littéraires: jeux de miroir, paratextes et traductions du discours antillais en France et aux États-Unis.

Sartre, fazendo uma discussão sobre a questão literária sob um viés material e sociológico, ou seja, da literatura como elemento indissociável de seu suporte: o livro. Ao citar Leenhardt, percebemos que seu estudo versará sobre a discussão entre livro, obra literária e leitura como componentes essenciais para a existência da literatura.

Com o avanço das tecnologias, o início dos anos 80 mostrou que a comunicação se globalizou e que movimentos que rompem a clássica fronteira nacional e as novas atividades econômicas da indústria da comunicação foram responsáveis pela união do som, da imagem e do texto. Por isso, em sua introdução, a autora deixa evidente que seu livro se propõe a estudar as ambiguidades que afetam a articulação entre as leis do mercado que ditam os interesses globais, nacionais e locais, ao mesmo tempo em que defende a noção de diversidade e, para tanto, se vale do estudo da literatura em dois vieses: o primeiro de entender o texto como forma discursiva, metafórica e simbólica, e o segundo de apresentar os fatores exteriores ao texto dando ênfase aos métodos de fabricação e seu valor de mercado. Assim, nesse cenário de fronteiras opacas, entram em jogo na literatura dinâmicas identitárias complexas através das noções de hibridação que, entretanto, não acompanham de forma satisfatória a consciência do Outro, pois muitas vezes as forças globalizantes e capitalistas não se engajam em um verdadeiro sentido de coabitação.

Ao utilizar o conceito de “tecnologias do reconhecimento” de Shu-mei, a autora apresenta que a lógica de produção de literatura vem imbricada em uma constelação de discursos, em práticas institucionais, em produção acadêmica e em outras formas de representação que criam e sancionam conceitos, fazendo com que os sistemas de centro sejam entendidos como agentes de reconhecimento enquanto que o “restante” periférico seja entendido como objeto a ser reconhecido<sup>4</sup>.

Assim, no primeiro capítulo, intitulado: *a edição nas Antilhas e em África subsaariana francófona: um mapa dos lugares*<sup>5</sup>, a autora apresenta as duas vertentes da palavra mundialização. O texto faz uma diferença entre usar o termo Globalização e Mundialização, pois ambos têm conceitos distintos. Para a autora, ao citar Michel

---

<sup>4</sup> Ao citar o texto de Shu-Mei a autora cita a passagem de seu texto em que apresenta um jogo de palavras entre “West” [Ocidente] como agente de reconhecimento e “the Rest” [o Resto] os países entendidos como periféricos que são objetos de reconhecimento.

<sup>5</sup> L'édition aux Antilles et en Afrique francophone subsaharienne: un état des lieux.

Gillou, a mundialização deve ser entendida como o processo neutro de extensão das tecnologias modernas, dos meios de comunicação e de suas técnicas enquanto que a globalização seria a utilização do processo de mundialização pelos Estados Unidos e pelas potências anglófonas para expandir seu conceito de mundo, seu comércio, cultura e língua. (Tece também uma) crítica à cocacolonização, ou seja, ao imperialismo do consumo que submete o planeta ao modo de vida e de mercado dos países do Norte, atacando as culturas não hegemônicas. Há uma hierarquia também linguística entre as línguas europeias e as não europeias, fazendo com que aquelas sejam confundidas com a produção de comunicação e de conhecimento e as outras “simples criadoras de folclores e culturas” (2012, p.39).

A autora, portanto, faz uma discussão de termos como “mestiçagem”, “hibridação cultural” e “glocalização”, sendo este último uma palavra que engloba o global e o local, um processo de globalização que tem limites e deve se adaptar às realidades locais, mais do que ignorá-las ou destruí-las. Para tanto, faz uma análise das editoras insulares da América Central, começando pelo Haiti depois pela Guiana, que é incluída por necessidades de categorização do trabalho, Guadalupe, Martinica. Também um levantamento da produção nas ilhas do Caribe, elencando a importância da criação da Université des Antilles-Guyane nos anos 70 que favoreceu o surgimento das edições universitárias. Também apresenta a década de 90 como fundamental para o surgimento e difusão do mercado do livro por Jean-Louis Malherbe na Guiana em 1995, Guadalupe em 1998 e em 2000 na Martinica.

Ao apresentar uma entrevista com Malherbe, a autora evidencia a problemática articulação na vendagem de livros no Caribe, pois, segundo Malherbe, somente autores conhecidos são bem vendidos, e isso se deve mais ao nome do autor do que propriamente da qualidade do texto. Outro problema no território recortado das ilhas é que um autor conhecido em Guadalupe não será vendido nem na Guiana e nem na Martinica e vice-versa. O uso do crioulo na produção literária também gerou impasses na produção da literatura, não só na produção de textos, mas também na quase inexistência de leitorado para os romances, estudos, gramáticas, dicionários de língua crioula. O arquétipo do leitor antilhano é predominantemente francófilo (2012, p.53).

Depois apresenta as edições francófonas na França, fazendo uma distinção entre as editoras dos generalistas, das vozes autorizadas, e das editoras especializadas e como

os autores não-europeus entram nessa máquina das edições, já que o escritor africano está confinado a um horizonte bem definido, tanto sobre a natureza de sua temática quanto de seus escritos e a urgência dessa literatura engajada é, segundo as palavras de Fanon, um “convite à ação, de se engajar de corpo e alma no combate nacional”. Ao final, percebemos que a ideia das editoras de criar uma categoria para a literatura de outros países francófonos, ou “de criar uma coleção específica de literatura negra” é uma forma de guetizar e de marginalizar a produção literária.

No segundo capítulo intitulado: *a literatura-mundo em francês, para além da Francofonia?*<sup>6</sup> temos uma apresentação da Literatura-Mundo produzida em língua francesa e uma análise do que a autora chama de Mercado das Línguas segundo o conceito de Wallerstein, que observa nesse mercado uma lógica que apresenta uma língua hiper-central, o inglês, que corresponde a mais ou menos a metade de todos os livros traduzidos. Depois temos as línguas centrais, francês e alemão, que representam 10 e 12% do mercado mundial das traduções. Em seguida, temos oito línguas que ocupam uma posição semiperiférica como, por exemplo, o espanhol e o italiano, com uma parte nesse mercado que varia de 1 a 3%. As outras línguas que correspondem a menos de 1% das produções nesse mercado são consideradas periféricas, mesmo que representem grandes grupos de falantes como, por exemplo, o chinês, o árabe e o japonês.

Para ampliar essa força da língua no panorama geopolítico da literatura, Promoveu-se a exportação das edições francesas para o mundo, fazendo com que as exportações dos livros valessem, em 2008, 695 milhões de euros com uma difusão dos livros nos 5 continentes. Essa análise propriamente econômica do mercado de venda e exportação de livros mostra que a produção literária francesa é consumida em sua maioria pela união europeia ou pelos países da francofonia do Norte. A partir dessas informações, a autora apresenta um manifesto intitulado *Pour une littérature-monde en français* publicado em 2007 que buscava o fim da francofonia e o nascimento de uma Litreatura-Mundo. A discussão desse manifesto consistia em desconstruir as barreiras estipuladas pelo pensamento dicotômico entre centro e periférico que existe dentro do conceito da francofonia. Logo depois, surge o livro *Pour une Littérature-Monde*

---

<sup>6</sup> La littérature-monde en français, au-delà de la francophonie?

organizado por Jean Rouaud e Michel Le Bris, que prolonga os ideais do manifesto. Mesmo buscando uma diferença metodológica e conceitual da francofonia, o manifesto recebeu alguma crítica como a de Abdou Diouf, secretário geral da Organização da Francofonia, que acrescentava uma confusão existente dentro do manifesto ao confundir francofonia com francocentrismo, defendendo a força de uma francofonia aberta e diversa, ao entender que o francês não pertence apenas aos franceses, mas a todos aqueles que aprenderam, estudaram e escolheram o francês como língua para criar culturas, imaginários e difundir seus talentos.

A autora termina o segundo capítulo falando sobre a tradução dos autores antilhanos e a importância das editoras universitárias para a produção e divulgação dos textos literários do Caribe, principalmente as editoras no meio anglófono. Dentro desse mercado de produção universitária, mais uma vez a autora faz uso do texto de Casanova para usar a terminologia financeira de “capital literário” da autora e evidenciar o papel da tradução num mercado inegável como fenômeno linguístico e cultural de distribuição de produtos literários o que ela chama de “operações de tradução”. Percebemos, então, que a tradução se torna um espaço sociológico e econômico transnacional que circula e que tem a função de consagrar um campo literário.

Em seu terceiro capítulo intitulado *O avesso das capas: da exposição ao espetáculo*<sup>7</sup> a autora apresenta uma análise minuciosa sobre a produção de livros e analisa o que ela chama de “máquina editorial”, atendo-se a análise das capas e da apresentação de paratextos das obras francófonas das Antilhas e de África francófona. Para sua análise, ela apresenta um interessante diálogo entre textos de Michel Foucault, Homi Bhabha e o texto Paratextos Editoriais de Gérard Genette, para conceituar e analisar a produção dos paratextos e das paratraduções. Após apresentar conceitos e textos teóricos, a autora seleciona os romances da escritora Maryse Condé publicados na França e suas traduções para outras línguas, analisando a lógica das relações de poder que existem entre edição e discurso sobre a produção de literatura negra.

Antes de começar a análise dos paratextos literários, a autora faz uma reflexão sobre a representação da população negra na França, nos Estados Unidos e na Alemanha. Ela evidencia como a manifestação histórica do racismo dessas comunidades

---

<sup>7</sup> L'envers des couvertures: de l'exposition au spectacle.

foi um importante elemento na constituição e interpretação da literatura de autores negros. Dessa forma, sua análise começa com a introdução das performances negras nos circuitos das grandes metrópoles da Europa do começo do século XX, onde o exotismo e a cultura do espetáculo consumiam as culturas não-europeias. A autora analisa exemplos como a marca “Y’a bon, Banania”, as apresentações de comunidades humanas em galerias de arte e a performer e dançarina Josephina Baker, conhecida como “Vênus Negra”. Assim a autora faz uma relação entre o fenômeno do exotismo na arte com o exotismo na produção e difusão da literatura ao analisar os paratextos de edições dos romances de Maryse Condé e também de suas traduções para países anglófonos e germanófonos.

Em seu último capítulo intitulado *Marronage littéraires: quand l’Autre se fait hôte* a autora usa o termo “marronage” termo utilizado no período colonial para se referir às pessoas escravizadas que fugiam das fazendas nas quais eram exploradas. Nesse capítulo a autora faz um trabalho específico de análise de tradução fazendo um diálogo entre os textos clássicos de Benjamin, Meschonnic e Venuti sobre tradução. Com relação à tradução de literatura, outra discussão interessante da autora é questionar o conceito de traduzibilidade e intraduzibilidade em um sentido político, pois durante muito tempo e principalmente pelo texto de Walter Benjamim, *A tarefa do tradutor*, a noção de intraduzibilidade era analisada, em grande parte, pelo seu sentido estético, deixando de lado a sua função instrumental e o nível político da noção de intraduzibilidade. Por isso, a recepção de uma literatura nômade, uma literatura traduzida, é extremamente complexa e, segundo a autora, só pode ser apreendida ao se determinar os contextos sócio-político-econômicos da escrita, da publicação e da leitura de maneira concomitante.

Dessa forma, este capítulo também dedica uma análise da tradução e da estética do escritor Raphaël Confiant que produz obras literárias em crioulo e em francês. No capítulo, podemos perceber que o autor, segundo Veldwachter transcende a dimensão dicotômica de texto de partida e de texto de chegada o que exige do seu leitor uma simultaneidade na leitura da obra literária, ora escrita em francês, ora em crioulo. O uso do crioulo na produção literária também gerou impasses na produção da literatura, não só na produção de textos, mas também na quase inexistência de leitorado para os romances, estudos, gramáticas, dicionários de língua crioula. O arquétipo do leitor

antilhano é predominantemente francófilo (2012, p.53). Não se pode negar que o livro hoje é exclusivamente controlado pelos estados, financiadores e multinacionais do Norte. Para afirmar o texto apresenta uma tabela com dados de 2011 sobre as Exportações para a África francófona em milhares de euros, mostrando um crescimento na exportação de 2007 até 2010 e a evolução média da arrecadação de 21 países de África. (2012, p.59). Mesmo assim, *Confiant* parece mostrar que é possível se abrir ao outro sem se renegar e se apropriar de sua identidade sem permanecer enclausurado nela, representando em sua literatura uma dupla perspectiva de se e do outro, do local e do global.

#### **REFERÊNCIAS:**

HALEN, Pierre. "Aucun titre". In: *Études littéraires africaines* 34. Traductions postcoloniales Numéro 34, 2012. p. 116-118.

ZAMBO, Claude Éric Owono. **Note de Lecture**. Disponível em: <http://www.latortueverte.com/Note%20de%20Lecture%20Claude%20E%20Owono%20Nadège%20VELDWACHTER.pdf> Acesso 10 jan. 2017.

VELDWACHTER, Nadège. **Littérature Francophone et mondialisation**. Éditions Karthala. Collection dirigée par Henry Tourneux, Paris: 2012.